

## Vila Itororó Canteiro Aberto - Centro Cultural Temporário

Plano de trabalho da Associação Novolhar para o "Experimento Vila Itororó"

### Descrição do objeto e justificativa

Em janeiro de 2006 a Vila Itororó foi decretada área de **utilidade pública** da cidade de São Paulo, com o objetivo de se construir um centro cultural no local, que até então tinha como uso principal a moradia. Após anos de resistência das famílias que habitavam a Vila Itororó, o projeto de transformá-la em um centro cultural está em vias de se concretizar. O local foi tombado como patrimônio e será um centro cultural público, de responsabilidade da Prefeitura de São Paulo. Mas quem define o que é patrimônio, ou o que seria um centro cultural de utilidade pública? Utilidade pública para quem, por quem? Como constituir um público que seja sujeito, atuante, e não apenas visitante ou consumidor? Como fazer um centro cultural que seja relevante - ou de utilidade pública - para o bairro da Bela Vista/Bixiga, onde a Vila está localizada?

Essas questões vêm sendo democraticamente debatidas na Vila Itororó desde abril de 2015, data de abertura do canteiro de obras de restauro na forma de um centro cultural temporário. **O presente projeto propõe o reconhecimento, a continuidade e o aprofundamento do trabalho feito no centro cultural temporário até aqui, além da criação de novas frentes de ação.** Para tanto, a Associação Novolhar buscou profissionais que trabalharam na equipe de ativação cultural do canteiro aberto e propôs a eles uma parceria.

**A Associação Novolhar há 18 anos desenvolve projetos culturais e educativos na Bela Vista/Bixiga, visando a inclusão social de crianças, jovens, famílias e comunidades, incluindo ex-moradores da Vila Itororó.** Nos últimos dois anos, a Associação Novolhar foi um dos muitos públicos atuantes no canteiro de obras da Vila Itororó, tendo auto-organizado eventos diversos no galpão e também testemunhado os diversos usos espontâneos do espaço por outros públicos. O chamamento da Prefeitura é uma ocasião única de tornar esses usos autogeridos pelo público ainda mais estruturantes do projeto e assim garantir uma apropriação maior da Vila Itororó pelos moradores do seu entorno, entendendo que o que faz da Vila Itororó um patrimônio é fundamentalmente o fato de as pessoas lhe atribuírem este valor patrimonial e se identificarem com ela, possibilitando a construção coletiva de um centro cultural.

Além de dar continuidade a essa política de usos espontâneos pelo público e à ampla programação cultural multidisciplinar do espaço (oficinas corporais, marcenaria aberta, cinema, projetos artísticos, clínica pública de psicanálise, debates, visitas ao pátio de casas - todas as atividades gratuitas), **este projeto busca intensificar as relações do projeto com o bairro, especialmente a forma como o projeto é comunicado.** Afinal, para as pessoas chegarem a usar o espaço e, mais que isso, a serem propositoras de debates em torno da Vila Itororó e outras experiências diversas, elas precisam estar cientes do que está sendo proposto. Assim, uma das novas frentes de ação será a criação da **Agência Novolhar de Comunicação Comunitária**, a funcionar na forma de uma oficina permanente, envolvendo principalmente jovens da região, com os quais a Associação já trabalha. A agência será uma ferramenta fundamental para fomentar uma maior participação das pessoas que habitam a Bela Vista/Bixiga no canteiro aberto e, conseqüentemente, no futuro centro cultural da Vila Itororó.

## Proposta de curadoria

O que seria um "polo cultural e criativo"? Que tipo de criatividade floresce num espaço cultural? Que tipo de práticas culturais a cidade precisa incentivar hoje? Que tipo de equipamentos culturais são necessários? Como o novo pode ser produzido a partir do antigo? Qual é - e qual pode ser - o lugar do patrimônio na cidade que está sendo construída hoje?

São Paulo mudou radicalmente no século passado. Enquanto foram demolidos espaços culturais (teatros como o Teatro São José, cinemas de rua etc.) e espaços de lazer (várzea dos rios, parques), a Vila Itooró resistiu e continua resistindo, encravada no espigão da Paulista. Ao mesmo tempo, porém, foram construídos muitos novos museus, centros culturais, teatros e salas de concerto na cidade em geral e nos arredores da Vila Itooró em particular (Centro Cultural São Paulo, Teatro Oficina, Casarão Belvedere, Teatro Ágora, Itaú Cultural, MASP, Museu Lasar Segall, Centro Cultural Banco do Brasil, entre tantos outros). A ocasião proporciona à Vila Itooró repensar o papel e a estrutura dos equipamentos culturais e de fazer isso em diálogo com o patrimônio urbano. A ocasião se torna urgente quando se leva em conta a escassez dos recursos públicos para manter e programar esses equipamentos culturais. Essas questões e desafios não são apenas questões de gestão, mas são fundamentalmente questões curatoriais, na medida em que cabe ao curador conceber, desenvolver e cuidar dos espaços onde práticas artísticas são desenvolvidas e fenômenos culturais florescem e são compartilhados.

**A partir dessa reflexão, a proposta curatorial pretende testar, em escala real e no presente, o que seria este equipamento cultural do século XXI, que dialoga com o passado da cidade e contribui para a construção do futuro da Bela Vista/Bixiga. Para isso, foram pensadas duas mudanças radicais em relação aos equipamentos tradicionais da SMC: a primeira é a ampliação da noção de cultura e a segunda é o incentivo dado ao "comum", entendido como aquilo que é construído - e mantido - coletivamente, de baixo para cima.**

**A primeira mudança tem como objetivo tornar a cultura um ponto de encontro de outras práticas, extrapolando as práticas artísticas clássicas (artes cênicas apresentadas no palco italiano ou artes visuais expostas em cubos brancos) para propor um diálogo entre práticas artísticas não convencionais, sejam elas eruditas ou não, e outras práticas culturais como a psicanálise, a jardinagem, o ato de cozinhar, o esporte e, além dessas, reflexões sobre o lugar da moradia como fenômeno cultural, do lazer em geral e das técnicas construtivas (marcenaria, FabLab).**

**A segunda mudança pretende propor uma forma dessas muitas práticas conviverem entre si mas também delas se tornarem a base de um possível modelo de co-gestão do local. Há uma mudança fundamental entre haver uma loja de design em um centro cultural e haver uma marcenaria, entre ter um jardim e ter uma horta, um restaurante e uma cozinha comunitária. Além de se criar um espaço construído de forma comum sem mediação financeira (compra e venda), abre-se a possibilidade de um cuidado comum (plantio e cultivo na horta, trocas de receita na cozinha, aprendizados e construções na marcenaria) e até de uma possível geração de renda (formações/capacitações diversas, relação com os ofícios do bairro, invenção de formas de economia solidária).**

Podemos resumir essa proposta curatorial em uma frase: **quando o poder público ajuda a construir o comum, ele não apenas abre a noção de cultura para práticas inesperadas mas garante também que o uso e o cuidado do espaço sejam feitos pela própria população, que passa a conviver - e, potencialmente, co-gerir - o próprio local.**

## Principais atividades a serem desenvolvidas

As diferentes ações implicadas neste projeto - tanto as que já acontecem no canteiro e terão continuidade, como as novas ações propostas - serão apresentadas tomando por base os itens 1.1.2. a 1.1.6 do próprio Edital da Secretaria Municipal de Cultura. Ainda que as finalidades do Edital estejam contempladas nas diversas partes do projeto, consideramos importante torná-las concretas nas descrições objetivas das diversas atividades, de modo que a comissão de seleção possa ter uma dimensão mais precisa de como o discurso do projeto acontece na prática. No entanto, é importante frisar que, além das ações mais claramente identificadas, como ações de *educação patrimonial* (ou com o item 1.1.4. do Edital), como as visitas mediadas ao pátio de casas, todas as demais ações também podem ser compreendidas como uma forma outra de se aprender sobre patrimônio e/ou de coletivamente produzi-lo e transformá-lo. Em outras palavras, diferentes atividades poderiam ter sido incluídas em mais de um item. As atividades são numerosas mas a maioria delas não têm nenhum custo - a não ser a manutenção da equipe - ou tem custos baixos.

- 1) Usos espontâneos, participação comunitária e envolvimento dos públicos;
- 2) Pesquisa, mediação e educação patrimonial como base de uma construção democrática;
- 3) A comunicação como ferramenta de transformação cultural;
- 4) Manutenção e ampliação das programações existentes;
- 5) Experimentos que visam ampliar a noção de cultura;
- 6) Manutenção e ampliação das oficinas, serviços e parcerias existentes
- 7) Discussão participativa para modelagem de ocupação dos apartamentos da Casa 11.

Aqui vai um detalhamento exaustivo de cada atividade.

### 1) Usos espontâneos, participação comunitária e envolvimento dos públicos

O fomento a **usos espontâneos** do galpão pelo público é parte fundamental deste trabalho. Como constituir o público local, de modo que esse público seja atuante e não apenas visitante ou consumidor? Como constituir diferentes públicos? Os usos espontâneos por públicos diversos hoje, no presente, são fundamentais para apontar como poderá funcionar o centro cultural da Vila Itororó no futuro. Exemplos de usos que acontecem constantemente no galpão ou já aconteceram até aqui: ensaios de diversos grupos de circo, teatro, música e dança; uso do galpão para descansar/dormir; piqueniques; encontros de mães solteiras e bebês, em que bebês brincam e as mães trocam experiências sobre a maternidade; ensaios fotográficos; partidas improvisadas de futebol; assembléias de secundaristas; grupo de estudos; reunião de movimentos sociais; curso de tarô; oficina de bordado; uso por skatistas; namoros; experiências culinárias na cozinha-recepção; massagem; armário para guardar pertences de pessoas em situação de rua iniciado por uma mulher em situação de rua; banho nos banheiros (apontando para a necessidade de chuveiros públicos); e assembléias de ex-moradores da Vila.

Um dos usos espontâneos mais incentivados é também o da **brincadeira livre**. No galpão da Vila Itororó existem estruturas de madeira como escorregador, balanço e paredinha de escalada para crianças e adultos brincarem, mas há também muito espaço livre, cabaninhas, cantinhos, bolas e tecidos. A ideia é estimular o *livre brincar* - atividade não dirigida e, no caso das crianças, sem a mediação de adultos (que podem ficar por perto, observando). Não por acaso, ao tomar conhecimento que o projeto de centro cultural temporário tal como acontece hoje talvez se encerre em dezembro, uma criança escreveu uma carta para defender a continuidade do projeto que começa assim: "A Vila Itororó é o único espaço livre que eu conheço".

Além disso, se formou no bairro o **Coletivo Riacho**, com caráter intergeracional (reunindo crianças, jovens, adultos e idosos), agregando vizinhos da Vila Itororó que já eram frequentadores assíduos do canteiro, ex-moradores da Vila Itororó, artistas de diferentes áreas, professores, estudantes e/ou membros de associações de cultura/educação/assistência social com atuação na Bela Vista/Bixiga. Este coletivo, que se reúne quinzenalmente no galpão, propõe atividades no espaço, debate o presente e o futuro próximo da Vila e colabora com a divulgação do projeto no entorno.

## 2) Pesquisa, mediação e educação patrimonial como base de uma construção democrática

Essa construção coletiva baseada em usos espontâneos, brincadeiras livres e ações coletivas só pode ser verdadeiramente democrática se houver uma mediação clara em relação ao uso do espaço, à sua história e aos seus futuros possíveis. Para isso dois mediadores/estagiários, custeados pelo Instituto Pedra, irão trabalhar junto à Associação Novolhar para acolher o público, garantir a boa convivência entre os vários usos do espaço, auxiliar na interação com as obras existentes e contar a história do local. A mediação deve funcionar nas duas mãos: ao mesmo tempo em que participa fundamentalmente da formação do público, o público frequentador, também passa a inventar novas regras de uso e novas mediações possíveis. Aqui vão algumas ferramentas existentes às quais será dada continuidade.

As **visitas mediadas ao pátio de casas** compartilham o andamento do processo de restauro e descrevem a formação da Vila Itororó, que contém um pouco da formação da própria cidade de São Paulo. O visitante tem acesso às muitas histórias que compõem a Vila: a sua concepção como uma “casa-monumento” cercada por casas de aluguel, a questão da água como elemento estruturante da Vila, o Clube Eden Liberdade e a resistência das famílias que viveram nas últimas décadas na Vila. O público é estimulado a imaginar, debater e tomar parte nas discussões sobre os usos futuros da Vila, de modo que o sentido da preservação de um patrimônio público seja apropriado coletivamente.

O **audioguia em formato de passeio sonoro**, com duração de 45 minutos, composto de 30 paradas, que conta a história da Vila Itororó através de diferentes atores do contexto/de diferentes pontos de vista: ex-moradoras, arquitetos, pesquisadoras, militantes e pessoas que participam do atual processo de discussões acerca dos possíveis usos futuros da Vila. Não se pretendeu construir uma narrativa única e coesa, mas apresentar a tensa história desse local, e o que a Vila conta à respeito da cidade de São Paulo. O audioguia continuará sendo disponibilizado para todas e todos que visitarem a Vila Itororó Canteiro Aberto.

Para aprofundar o conhecimento sobre esse bem singular que é a Vila Itororó, o **processo de pesquisa** será continuado. Ela já se desdobrou na realização de um webdocumentário (disponível on-line no site do projeto vigente), de um livro sobre a história da Vila Itororó (escrito por Benedito Lima de Toledo, seguido de um outro livro escrito por Sarah Feldman e Ana Castro, em fase de diagramação), de pesquisas diárias com moradores do bairro e ex-moradores da Vila Itororó, e da construção de um arquivo online. Pretendemos manter o arquivo online disponível e desenvolver seminários e aulas com associações, em parceria com algumas universidades assim como já foi feito com a FAU-USP, FAU-MacKenzie, Princetone University, MIT, entre outras. Existe um projeto já em fase de aprovação seria com a Escola da Cidade, por meio da disciplina “Ensaio sobre o habitar contemporâneo: a experiência aberta da Vila Itororó”, que deverá acontecer já no primeiro semestre de 2017. A disciplina pretende ensaiar, através de projetos arquitetônicos, a concepção de usos e espaços que se orientem pela e para a constituição do habitar contemporâneo na Vila Itororó como centro cultural que inclui tempos e espaços de lazer, serviços, moradias, comércios. Outras parcerias internacionais serão negociada com, por exemplo, a Bezalel Academy of Arts and Design, Israel (Professor responsável Oren Sagiv).

Esses momentos de pesquisa devem se desdobrar em momentos de abertura públicas há cada **último final de semana do mês** ao longo dos 12 meses (com foco em eventos da cidade como a Virada Cultural ou a 3ª Jornada do Patrimônio).

## 3) A comunicação como ferramenta de transformação cultural

A programação será divulgada pelos canais habituais - Facebook, site, trabalho em parceria com a assessoria de imprensa da Prefeitura, newsletter - mas a Associação Novolhar pretende investir numa comunicação local feito pela própria comunidade local. Esse projeto pioneiro defende a ideia de que, considerando o aumento constante da informação e a dificuldade em se deslocar pela cidade, ferramentas locais de comunicação têm uma força de divulgação mais eficaz (mesmo que com alcance menor) do que ferramentas tradicionais. Será então criada a **Agência Novolhar de Comunicação Comunitária** que funcionará na forma de uma oficina permanente, envolvendo principalmente jovens da Bela Vista/Bixiga, com os quais a Associação Novolhar já trabalha.

Terá como missão comunicar o andamento do projeto Vila Iitororó Canteiro Aberto e a agenda de atividades para moradores da Bela Vista/Bixiga (aí incluídos ex-moradores da Vila Iitororó), coletivos que atuam no bairro e instituições do bairro, com o desafio de conversar com esses diferentes públicos e colher suas opiniões. A agência terá também a missão de levar a Vila para o bairro e o bairro para dentro da Vila. Pretende divulgar também as atividades dos diversos grupos que integram a Rede Social Bela Vista. Para isso, a agência contará com câmeras e computadores para redação de textos e edição de imagens, áudios e vídeos. A agência irá produzir textos, panfletos, cartazes, fotografias, vídeos, um jornal ou outra publicação periódica, a depender do andamento das oficinas/do desejo dos colaboradores que estarão envolvidos no projeto.

#### 4) Manutenção e ampliação das programações existentes

Os projetos existentes nos parecem atender às demandas do chamamento na medida em que permitem, a partir de uma programação trans-disciplinar, a participação do público e o enraizamento na comunidade do entorno (entre os quais estão presentes ex-moradores).

O programa “**Cinema sem fio**”, por exemplo, é um bom exemplo da forma como as atividades de formação (ou constituição) de um público atuante do canteiro aberto podem ser aliadas ao trabalho de programação. O primeiro filme do programa foi escolhido pela então equipe de ativação cultural mas todos os filmes seguintes foram escolhidos pelo público presente nas sessões, a partir do filme visto e debatido coletivamente. A condição para que o próximo filme seja exibido é que a pessoa que o indicou venha apresentá-lo na próxima sessão, reforçando a relação entre os dois filmes, o já projetado e o seguinte, assim garantindo uma continuidade não somente do programa mas do público. As sessões deste cineclube hoje são mensais, acontecendo toda primeira quinta-feira do mês.

De forma mais clássica, serão também mantidos os **projetos artísticos específicos ao contexto**. A partir de leituras da história da Vila Iitororó e da sua atual situação na cidade de São Paulo, artistas foram convidados para realizar trabalhos inéditos que propuseram um melhor entendimento do local e uma participação cidadã, crítica e sensível na construção coletiva da Vila. Os artistas convidados, nacionais e internacionais, desenvolveram uma produção artística socialmente engajada e colaborativa, em contraposição à práticas de arte contemporânea mais individualistas e/ou voltadas ao mercado. Já atuaram na Vila Iitororó, por convite da curadoria: o coletivo europeu ConstructLab, as artistas brasileiras Mônica Nador e Graziela Kunsch, a artista argentina Carla Zaccagnini e os arquitetos alemães do coletivo Raumlabor (obra em andamento em parceria com o Goethe Institut). Entre os próximos convidados imaginados estão o artista estadunidense e militante negro Theaster Gates, o coletivo brasileiro Contrafilé, Jorge Mena Barreto (responsável pela ativação do restaurante da 32a Bienal de São Paulo) e o mexicano Hector Zamora que trabalha com arquitetura temporária. Em 2017, apenas dois trabalhos deverão ser feitos. Essa lista está sujeita à mudanças.

Por fim, vale também frisar a existência de **momentos festivos** que serão mantidos. O evento mais marcante dos últimos anos tem sido a festa junina, pelo seu caráter celebrativo e político. Organizada pelos moradores do bairro e ex-moradores da Vila junto ao Coletivo Riacho, a festa reuniu mais de 500 pessoas e resultou num maior engajamento do público no canteiro com diversos grupos - entre os quais grupos do circo e da yoga.

#### 5) Experimentos que visam ampliar a noção de cultura

Alguns projetos que acontecem no canteiro levam a noção de cultura para outros lugares, reforçando o lado experimental do projeto. A Associação Novolhar pretende continuar essas atividades e criar novas.

A experiência piloto de uma **Clínica Pública de Psicanálise** no galpão do projeto Vila Iitororó Canteiro Aberto, com atendimentos individuais gratuitos acontecendo desde julho de 2016, pretende ampliar, para além das práticas artísticas, a noção de cultura e o que se espera de um centro cultural. A proposição partiu da artista Graziela Kunsch, que dedicou sua pesquisa na Vila à reparação humana e política dos elementos traumáticos presentes na retirada da comunidade que habitava o lugar anteriormente à sua transformação em espaço público *oficial* – tratando dos efeitos da *gentrificação cultural* -, junto aos psicanalistas Tales Ab’Sáber e Daniel

Guimarães. Se o projeto surgiu de um anseio de atender ex-moradoras e ex-moradores da Vila Itororó, a criação de horários de plantão visa ampliar os atendimentos a demais interessados. Os plantões que acontecem todos os sábados de manhã serão mantidos. Os atendimentos são individuais, gratuitos e têm a forma de uma conversa.

Um novo projeto deve ser também desenvolvido: a possibilidade de abrir uma **cozinha comunitária**. Até o momento, foram desenvolvidos experimentos pontuais com refeições coletivas vinculados a eventos específicos. Pretendemos desenvolver uma conversa com a Concrejato (empreiteira responsável pela execução da obra) para que o refeitório dos trabalhadores funcione também como cozinha aberta à população do bairro, oferecendo comida a preço popular ou oficinas de cozinha. A proposta consiste na abertura de uma cozinha comunitária a ser utilizada por todas as pessoas, mediante capacidade e regras básicas de uso a serem definidas. Como cozinha comunitária, a condição de uso é a doação de instrumentos e aparelhos por parte dos frequentadores, conforme necessidade da cozinha e possibilidade de quem doa. Artistas como Jorge Mena Barreto, cozinheiros como Luiz Carlos Bach Santos e gestores como Veridiana Mott serão convidados a ativar o espaço.

Além disso, nos últimos anos, a Associação Novolhar vem desenvolvendo **hortas urbanas** que podem se articular à cozinha comunitária. Uma vez que um projeto piloto de horta foi criado há 6 anos na Rua Maria José, pretendemos articular essa horta àquela existente na Vila Itororó por meio de trocas de mudas, de oficinas e de uma divulgação compartilhada, podendo resultar na criação de outras hortas pelo bairro no decorrer do ano.

#### **6) Manutenção e ampliação das oficinas, serviços e parcerias existentes**

São muitas as oficinas que existem e podem ser criadas ainda na Vila Itororó. Elas têm um papel fundamental para formar público e garantir a apropriação do local pelos moradores do entorno. Muitas oficinas serão decididas pelos próprios usuários da Vila em reuniões ampliadas de vizinhos. Abaixo alguns exemplos.

Toda obra da construção civil precisa de máquinas de **carpintaria/marcenaria**. No projeto, a marcenaria não é restrita à obra de restauro, estando aberta para a cidade de três modos: 1) Uso livre duas vezes na semana (quintas-feiras e sábados), com orientação e acompanhamento de dois técnicos do coletivo GAMB; 2) Oficinas de capacitação em marcenaria pelo coletivo GAMB; 3) Oficinas na marcenaria com temas específicos (como já foi feito no passado com a própria GAMB, as Batatas construtoras, o Rodrigo Agostini, e os coletivos ConstructLab e Raumlabor). A proposta é de manter essas três frentes (marcenaria aberta para uso livre, oficinas de capacitação e oficinas específicas).

Outras oficinas que vêm sendo desenvolvidas e que serão re-avaliadas em conversa com os diversos públicos da Vila Itororó são: **oficinas de circo, dança, capoeira, yoga e tai chi**. Além disso, a Vila Itororó já oferece por meio do seu mobiliário **diversos serviços como um bicicletário, uma biblioteca móvel, lugares de descanso**. Pretende-se criar outros serviços junto à marcenaria e a partir das demandas do bairro como um café comunitário (sem trocas financeiras).

A equipe também pretende fazer o acompanhamento curatorial dos residentes do projeto **Goethe na Vila** e incentivar o **FabLab** a propor novas atividades que dialoguem com a marcenaria, a obra e as demandas dos moradores.

#### **7) Discussão e experimentos para modelagem de ocupação dos apartamentos da Casa 11**

A discussão participativa será conduzida de diferentes formas e com diferentes públicos, tanto nas visitas ao pátio de casas quanto em seminários e conversas. Um eixo fundamental dessas discussões é o futuro da Casa 11, que tendo dez apartamentos (e quatorze quartos) a serem entregues no decorrer de 2017, ainda está sem uso definido. É responsabilidade de todas e todos interessados na Vila Itororó participar desse processo (imaginando, debatendo e propondo) ainda que a decisão final caiba à Secretaria Municipal de Cultura. De forma geral, deve haver uma reflexão ampla sobre a possibilidade de termos alguns apartamentos destinados à **moradia**. No âmbito do patrimônio, é insuficiente preservar edificações (ou os "cheios" do espaço) sendo

necessário contemplarmos todos os "vazios", os interiores das casas. Um centro cultural de grandes proporções, com quatro entradas/saídas abertas à cidade e mais de 4.000 metros quadrados, **precisa ser habitado**. Se enxergamos o morar como cultura, a habitação pode ser uma ótima ferramenta para isso.

Nesse sentido, gostaríamos de propor três caminhos para discutir esta idéia, em diálogo constante com a SMC:

**- Fablab, circo e outros usos atuais**

É possível que alguns **usos atuais possam inspirar os usos da Casa 11**. De forma mais concreta alguns usos atuais, que hoje acontecem no galpão - do FabLab aos grupos de circo, da biblioteca ao educativo -, poderiam "migrar" para este edifício, independente do fato de serem usos definitivos ou não. Seria uma forma mais prática de a população debater com a Prefeitura: experimentar, testar usos diversos da Casa 11 no presente.

**- conversas com ex-moradores, moradores do entorno e FICA, Associação pela Propriedade Comunitária**

O que se pretende discutir na Vila Itororó é a possibilidade de pensar, junto à Secretaria de Habitação, a criação de um programa piloto de habitação social de aluguel. Nos parece fundamental manter a diversidade social do bairro da Bela Vista/Bixiga. Essas habitações sociais participariam na manutenção dessa diversidade e a possibilidade de implementar aluguel social garantiria que essas unidades habitacionais fossem mantidas fora do mercado imobiliário de compra e venda - assuntos que a associação FICA vem discutindo. O intuito é desenvolver debates que possam gerar novas políticas públicas.

**- Parceria possíveis - ICORN (International Cities of Refuge Network), EUNIC, entre outros**

Gostaríamos de conversar sobre a possibilidade de se criar num dos apartamentos da Casa 11 uma residência para autores e artistas refugiados nos moldes do que o ICORN já vem desenvolvendo mundo afora e, recentemente, em Belo Horizonte-MG. Essa conversa poderia ser feita junto à Secretária de Direitos Humanos. Existem também possibilidades de novos convênios com, por exemplo, EUNIC, rede europeia de cultura e com Consulado Geral da França para a possível criação de novas e não tradicionais residências artísticas. Nos parece fundamental, porém, que essas residências não aconteçam nos moldes de outras residências.

## Modelo de co-gestão e proposta de articulação com parceiros já estabelecidos

A co-gestão da Vila Itororó é fundamental por duas razões:

- 1) para garantir uma gestão coletiva do complexo;
- 2) para multiplicar as receitas e melhorar as condições de manutenção do bem sendo reformado.

**A participação da Associação Novolhar nessa co-gestão ao longo dos 12 meses do “Experimento Vila Itororó” visa garantir que essa co-gestão seja construída de baixo pra cima, de forma democrática, em sintonia com as demandas da população local.**

Por um lado, o poder público está facilitando uma construção comum, multiplicando os pontos de articulação entre sociedade civil e secretarias, bem como entre as próprias secretarias - de Serviço (FabLab), de Direitos Humanos, de Habitação e de Desenvolvimento Urbano.

Por outro lado, enquanto se discute com o poder público, será necessário também conversar de forma regular com os já usuários da Vila, entre os quais o Instituto Pedra, a Concrejato, o FabLab Itororó, o Goethe na Vila, novos possíveis parceiros institucionais como ICORN, Consulado Geral da França, EUNIC (rede europeia de política cultural) e CISARTE, mantendo as relações estabelecidas com instituições do bairro como Rede Social Bela Vista, CCAs do Carmo, Achiropita e Novolhar (Centro da Criança e do Adolescente) e SASF Bela Vista (Serviço de Assistência Social à Família).

**De forma muito concreta, isso passa por reuniões e assembléias que trazem para dentro do canteiro um amplo trabalho de articulação entre diversos agentes.** Algumas reuniões fundamentais aconteceriam portanto:

- **bimestral e mensalmente** / a SMC receberá relatórios mensais das atividades do canteiro acolhidas e realizadas pela Associação Novolhar. A Associação Novolhar irá também pedir reuniões bimestrais para apresentar os testes sendo realizados no canteiro e discutir, a partir desses experimentos, o modelo futuro de gestão. Nessas reuniões, a Associação Novolhar gostaria de envolver outras secretarias da Prefeitura.

- **quinzenalmente** / no canteiro, serão realizadas reuniões com o FabLab, o Goethe na Vila, a Concrejato e o Instituto Pedra para garantir a boa convivência no canteiro. Algumas reuniões devem reunir todos. Outras serão separadas com cada um dos agentes.

- **regularmente** / o coletivo Riacho, coletivo do bairro, deve continuar a se encontrar na Vila. A Associação Novolhar pretende também convocar assembleias ampliadas de vizinhos. Trimestralmente, uma reunião de condomínio envolvendo todos os agentes será organizada e mediada pela Associação Novolhar.

A Vila Itororó será também representada e debatida além da Vila em si. A Associação Novolhar pretende colocar a Vila no centro das conversas do bairro, utilizando o agora tradicional encontro *13 na Treze*, na Rua Treze de Maio no dia 13 de maio). Paralelamente, a Vila Itororó poderá acolher uma nova rede a ser criada, chamada de Rede Bixiga Solidário que se reunirá quinzenalmente para discutir assuntos do bairro e possibilidades de atuação conjuntas.

Todas as reuniões terão atas. Espera-se que zonas de conflitos surjam nesses encontros, uma vez que são fundamentais para o entendimento das tensões que atravessam a Vila como património e como lugar em disputa ao mesmo tempo que em transformação radical. No final dos 12 meses, a Associação Novolhar pretende apresentar um modelo de negócio e de co-gestão possível que mostre a viabilidade de Vila Itororó como espaço cultural híbrido que não onere os cofres públicos além do necessário.



## Públicos-alvo

O primeiro público alvo do projeto Vila Itororó Canteiro Aberto são as **peças que moram no entorno/no bairro onde está localizada a Vila Itororó, aí incluídas as famílias que ali viveram**, que hoje estão em prédios CDHU localizados na região. Se o projeto de transformar a Vila Itororó em um pólo cultural tinha entre seus objetivos não revelados colaborar na gentrificação em curso da Bela Vista/Bixiga, substituindo uma população pobre por uma população mais rica, hoje as diversas atividades que acontecem no canteiro podem ser compreendidas como uma resistência a esse processo. Em outras palavras, se há alguns anos as famílias de moradores foram retiradas do contexto, hoje existem vários esforços para que elas estejam presentes e que o espaço tenha toda a diversidade de pessoas que compete a um espaço público. Mais do que usufruir do centro cultural, a ideia é que os ex-moradores possam ser também sujeitos de sua construção e, quem sabe, de sua gestão coletiva futura.

Há atividades para **diferentes faixas etárias (crianças, jovens, adultos e idosos)** e todas as atividades são gratuitas, de modo a possibilitar o envolvimento de **peças de baixa renda** (as pessoas que mais necessitam das políticas públicas). A participação de **estudantes, amadores e profissionais das diversas áreas artísticas** (Artes Integradas, Artes Visuais, Cinema, Circo, Dança, Fotografia, Literatura, Música e Teatro); da **Arquitetura** (Restauro, Habitação Social e Urbanismo), das **Ciências sociais** (História, Geografia, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Antropologia e Filosofia); e da **Agroecologia** é fundamental no projeto. **Ativistas** engajados em práticas de **permacultura, agrofloresta, agricultura urbana e com conhecimento sobre os rios** da cidade de São Paulo e **ativistas ou militantes de movimentos sociais de Moradia e de Cultura** encontram diversas frentes de atuação neste contexto.

Os **trabalhadores do canteiro de obras** também são público-alvo do presente projeto. Se no início dos trabalhos do centro cultural temporário a equipe contratada pela empreiteira Concrejato ainda era bastante pequena, conforme a velocidade da obra de restauro avançou essa equipe foi consideravelmente ampliada e hoje se faz necessário um engajamento mais consistente dos trabalhadores no projeto cultural. Os **arquitetos do Instituto Pedra** e **representantes da Secretaria Municipal de Cultura** também serão convocados a participar dos debates públicos que acontecem no canteiro.

**Pessoas em situação de rua** são muito presentes no galpão não por causa de atividades especialmente dirigidas a elas (por exemplo ações de assistência social), mas porque ali elas são bem vindas, respeitadas e seus cachorros podem circular livremente. As pessoas em situação de rua que há muitos anos habitam as ruas Pedroso e Maestro Cardim são também público das visitas, das peças de teatro, do Cinema sem fio, da Clínica Pública de Psicanálise etc. e proponentes de usos espontâneos diversos (armário para guardarem seus pertences, descanso, banho e declamação de poesias/improvisação teatral). Com a recente abertura (outubro de 2016) do **CISARTE**, espaço para a população de rua situado no viaduto da Rua Pedroso, aumento o desejo de intensificar os trabalhos com essa população.

No que se refere a parcerias da formação de público, periodicamente são realizados encontros e atividades com associações sócio-educativas-culturais do bairro e são acolhidas diversas atividades com **crianças, adolescentes e educadores do CCA (Centro da Criança e do Adolescente) do Carmo, do CCA Padre Mariano e de escolas do entorno; educadores e beneficiários do SASF (Serviço de Assistência Social à Família) Bela Vista/Bixiga; imigrantes e refugiados da USIH - União Social dos Imigrantes Haitianos** (localizada no Glicério, perto da Vila), da **Associação Africana do Brasil** e assistidos pela **Adus**; artistas do **Terreyro Coreográfico/Teatro Oficina**; e **mulheres negras** do projeto Mercado Negra. Há conversas iniciadas com representantes de **creches públicas do entorno**, visando fortalecer essa rede de atuação no bairro. **Com a entrada da Associação Novolhar como proponente e gestora (e não mais como um dos públicos-alvo), essa rede no bairro poderá ser consideravelmente ampliada.**

Entre os públicos-alvo cabe também mencionar interessados em ofícios como marcenaria, costura, construção e interessados/curiosos em geral.

## Horários propostos para atividades contínuas e de disponibilização de espaços

A proposta inicial será manter os horários atuais de funcionamento:

### Abertura do galpão

Terça-feira, quarta-feira e sexta-feira: 9h às 17h

Quinta-feira: 9h às 20h (em noites de Cinema sem fio ou atividades especiais até 22h30)

Sábado: 9h às 17h (com a possibilidade de estender esse horário até tarde em ocasiões especiais, como a festa junina ou debates prolongados)

Domingo, segunda-feira e feriado: fechado

### Visitas ao pátio de casas

Quintas e sextas: 16h

Último fim de semana de cada mês (sábado e domingo): 14h

Agendamentos de horários específicos com grupos de mais de quinze pessoas de acordo com a disponibilidade do grupo e dos mediadores/estagiários da formação de público

### Reuniões do coletivo do bairro

Primeiro e terceiro sábado de cada mês, às 15h, sendo no primeiro sábado com a mediação da responsável pela formação de público e no terceiro o grupo sozinho, auto-organizado. O grupo pode sempre propor um novo horário para os encontros, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

### Marcenaria aberta

Uso livre para pessoas com conhecimento prévio de maquinário de marcenaria:

Quintas-feiras, 13h às 18h

Sábados, 12h às 17h

Oficinas de capacitação: horários a definir de acordo com a procura do público.

### Plantão da Clínica Pública de Psicanálise

Todos os sábados, com atendimentos às 10h, 11h, 12h30 e 13h30, por ordem de chegada. Duração de 50 minutos cada atendimento. É possível realizar até três atendimentos simultâneos, com três psicanalistas presentes no plantão, atendendo até 12 pessoas por sábado. Fora dos dias de plantão os atendimentos acontecem em horários específicos, acordados pelos psicanalistas com seus analisandos (pacientes) e pelos psicanalistas com a responsável pela formação de público.

### Cinema sem fio

Primeira quinta-feira do mês, entre 19h30 e 22h30.

### Oficinas e demais atividades

O horário específico de oficinas, da Agência Novolhar de Comunicação Comunitária e demais atividades será definido a partir da seleção do projeto. Conforme o trabalho com a nova configuração de equipe e gestão avançar e conforme novos usos exigirem, poderá ser estudada uma ampliação dos horários de abertura, sempre em diálogo com a Prefeitura, o Instituto Pedra, demais Instituições/Projetos que habitam o espaço e frequentadores do canteiro.

## Contrapartidas do proponente

A Associação Novolhar tem uma rede de contatos única no bairro da Bela Vista/Bixiga. Desenvolvendo suas atividades no canteiro, a associação pretende trazer essa mesma rede para atuar na Vila, seja tornando a Vila Itororó um ponto de encontro fundamental no bairro, seja incentivando a rede a participar das reflexões a respeito do futuro do conjunto arquitetônico. A Associação pretende também levar diversas oficinas que já vem realizando há anos - como as de capoeira, de hip hop e de artes - para o canteiro ao mesmo tempo em que irá criar articulações com seus outros projetos no bairro - a citar a horta comunitária da rua Maria José que estimula o consumo consciente.

Além disso, a Associação Novolhar vai disponibilizar para a oficina da Agência Novolhar de Comunicação Comunitária câmeras, microfones, tripés, ilhas de edição e iluminação. Conjuntamente, toda a programação da Vila será divulgada no programa Novolhar, transmitido no Canal Universitário em parceria com a TV PUC (11 da Net com audiência mensal de 150.000), além da veiculação do canal Novolhar no youtube.

## Equipe e suas funções

### Agente comunitário

#### (Paulo Santiago)

- Manter diálogo constante com a Secretaria Municipal de Cultura;
- Manter diálogo constante com outras Secretarias implicadas, como a Secretaria de Serviços (FabLab);
- Manter diálogo constante com Instituto Pedra e Goethe-Institut;
- Conceber as diretrizes gerais do projeto;
- Conceber a programação geral junto à equipe;
- Conceber e coordenar a Agência Novolhar de Comunicação Comunitária;
- Inserir a Vila Itororó na Rede Social Bela Vista;
- Fechar parcerias estratégicas;
- Defender a instalação de uma rede de Wi-Fi livre no canteiro junto à Prefeitura;
- Gestão e coordenação de equipe;
- Reunião geral de equipe uma vez por semana;
- Pagamentos.

### Curadoria

#### (Benjamin Seroussi)

- Conceber os eixos curatoriais;
- Conceber a programação geral junto à equipe;
- Fechar parcerias estratégicas;
- Dialogar com artistas/acompanhar o desenvolvimento das obras inéditas;
- Redigir textos;
- Aprovar orçamentos (programação, obras, remunerações);
- Gerenciar equipe;
- Garantir boa relação da equipe com as outras equipes do projeto;
- Reunião geral de equipe uma vez por semana;
- Reportar regularmente ao diretor da Associação Novolhar.

### Produção executiva

#### (Helena Ramos)

- Montar escala de equipe;
- Cuidar da interface com os grupos que irão conviver no canteiro (Instituto Pedra, Goethe-Institut, FabLab);
- Produzir atividades diversas (oficinas etc.);
- Produzir projetos artísticos;
- Produzir propostas do coletivo do bairro (em diálogo com formação de público e curadoria);
- Coordenar a organização de arquivos (textos, imagens, tabelas) em drive compartilhado;

- Organizar manutenção e concertos no galpão;
- Acompanhar realização de contratos (com administrativo);
- Acompanhar pagamentos (com administrativo);
- Reunião geral de equipe uma vez por semana;
- Reportar ao curador;
- Colaborar com curadoria, formação de público e agência de comunicação.

### **Formação de público**

#### **(Graziela Kunsch)**

- Fomentar os usos espontâneos e a brincadeira livre no galpão;
- Acolher público em atividades específicas, apresentando o projeto;
- Mediar os trabalhos do coletivo do bairro (Coletivo Riacho);
- Mediar assembleias ampliadas do bairro sobre os usos presentes e futuros da Vila;
- Realizar reuniões/conversas periódicas com ex-moradores e outros grupos;
- Construir parcerias com escolas, associações e diversas iniciativas no bairro;
- Organizar os atendimentos de ex-moradores da Vila Itororó e demais interessados na Clínica Pública de Psicanálise junto ao grupo de psicanalistas;
- Conceber programações junto à curadoria;
- Redigir textos;
- Gerenciar o trabalho dos mediadores/estagiários;
- Reunião geral de equipe uma vez por semana;
- Reportar ao curador;
- Colaborar com curadoria, produção e agência de comunicação.

### **Coordenador Agência Novolhar de Comunicação Comunitária**

#### **(nome a ser definido)**

- Conceber e organizar o espaço da agência (mesas, cadeiras, equipamentos);
- Formar a equipe que irá tocar a agência (tanto oficinairos convidados como participantes);
- Comunicar o que acontece no centro cultural temporário tanto dentro do canteiro como no bairro;
- Documentar as ações que acontecem no canteiro na forma de textos, fotografias, áudios e vídeos;
- Fazer publicações no site do projeto, na página do projeto no Facebook e no Instagram;
- Executar cartazes impressos para fachada externa do galpão, quadro de avisos interno, tapumes laterais da obra e locais estratégicos do bairro;
- Executar e distribuir panfletos impressos;
- Criar uma publicação periódica (um jornal ou uma revista) conforme a agência/oficina avançar.

*Observação: no início da formação da agência o trabalho de comunicação continuará sendo tarefa de Graziela Kunsch, atualmente responsável por cartazes, panfletos, publicações no site/no Facebook/no Instagram, mas já envolvendo o grupo da oficina nesse processo.*

### **Assistente financeiro**

#### **(nome a ser definido)**

- Organização de pagamentos (coleta de CNPJ e demais dados de prestadores de serviços);
- Orientar prestadores de serviços sobre documentos (seja pessoa jurídica, seja RPA);
- Organizar/contribuir com tabelas orçamentárias;
- Controle dos pagamentos;
- Reunião geral de equipe uma vez por semana;
- Reportar ao administrativo da Associação Novolhar e à produção.

### **Mediadores/estagiários da formação de público**

#### **(nome a ser definido)**

*Os mediadores/estagiários serão remunerados pelo Instituto Pedra e co-geridos pela Associação Novolhar.*

- Receber o público que entrar no galpão;
- Mediar as visitas ao pátio de casas;

- Acompanhar andamento das atividades (oficinas ou outras – não é necessário estar presente nas atividades, mas ficar por perto, para eventuais suportes);
- Manter o espaço em ordem e zelar pelo bom acontecimento de todas as atividades simultâneas;
- Responder aos emails info;
- Responder contatos no Facebook;
- Agendar visitas fora dos horários comuns;
- Organizar mailing e planilha de contatos;
- Publicar conteúdos de arquivo na seção *Histórias em construção* do site;
- Ajudar na comunicação com o bairro (panfletagens, conversas, organização de lista que contempla nomes/endereços/contatos de escolas, creches, CCAs, asilos, centros sociais, espaços culturais etc.)
- Contar público e preencher planilha diariamente;
- Apoiar administrativo, curadoria, produção e agência de comunicação, sempre com acordo da formação de público antes, para respeitar prioridades e não acumular muitas tarefas;
- Reunião geral de equipe uma vez por semana;
- Reportar à formação do público.

**Adendo:** Os estagiários do FabLab (contratados pela Secretaria Municipal de Serviços) não ficam somente na sala do FabLab, atuando também na recepção de público no galpão, em revezamento com os estagiários contratados pelo Instituto Pedra (revezamento em horários de almoço, intervalos e períodos específicos). Todos foram formados pela equipe do presente projeto e a ideia é cultivar/manter essa parceria.

**Técnicos e oficinairos da Marcenaria Aberta  
(nome a ser definido - possivelmente coletivo GAMB)**

Os técnicos da GAMB serão convidados para darem continuidade ao trabalho que fizeram na marcenaria em 2015 e 2016 (acompanhamento técnico nos dias de marcenaria aberta, oficinas de capacitação, oficinas de reuso de materiais). O nome do coletivo vem de “gambiarra”, popularmente utilizada para denominar o conserto de algo por meios improvisados, ou para a resolução de problemas a partir dos materiais que estiverem disponíveis.

**Psicanalistas da Clínica Pública de Psicanálise  
(Com coordenação de Tales Ab’Saber)**

Se este projeto for selecionado, os psicanalistas Anne Egidio, Carolina Binatti, Daniel Guimarães, Fabricio Brasiliense, Patricia Gertel Nogueira, Ricardo Cavalcante e Tales Ab’Sáber serão convidados para darem continuidade ao trabalho realizado..